

## Processos de reparo: uma análise de atitudes linguísticas em vídeo humorístico do *Tik Tok*

### *Procesos de reparación: un análisis de actitudes lingüísticas en Tik Tok video humorístico*

*Geicilayne Tavares Pelayes*<sup>1\*</sup>

Mestranda do curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Licenciada em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Especialista em Linguística Aplicada pela Faculdade Única de Ipatinga e Especialista em Ensino de Língua Inglesa pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Atua como professora da Rede Estadual de Ensino de Alagoas. Atuou como tutora no curso de Letras na Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

 <https://orcid.org/0000-0002-2121-4070>

*Rosyelly de Araújo Cavalcante*<sup>2\*</sup>

Doutoranda em Linguística (UFPE), Mestre (2018) em Letras pelo Programa de Pós-graduação Mestrado Nacional em Letras PROFLETRAS pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. Especialização em Ensino de Língua Portuguesa (2010) pela Universidade de Pernambuco – UPE. Graduada em Letras (2008) pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde - AESA. Pesquisadora no Grupo de Estudos em Análise e Descrição Linguística (GEADLin) vinculado à Universidade de Pernambuco –UPE.

 <https://orcid.org/0000-0001-6467-6294>

**Recebido em:** 24 abr. 2022. **Aprovado em:** 26 jul. 2022.

#### **Como citar este artigo:**

TAVARES PELAYES, Geicilayne; DE ARAÚJO CAVALCANTE, Rosyelly. Processos de reparo: uma análise de atitudes linguísticas em vídeo humorístico do Tik Tok. *Revista Letras Raras*, v. 11, n. 3, p. 364-376, out. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8173491>

#### RESUMO

O presente trabalho visa analisar os processos de reparo e sua ligação com o preconceito linguístico em um vídeo humorístico publicado na rede social *Tik Tok*. Nesse sentido, para descrever o fenômeno de reparo (GARCEZ, 2008, LODER, 2008) é importante destacar que os participantes em interação demonstram articulações de análises

---

1\*

[geicilayne.tavares@hotmail.com](mailto:geicilayne.tavares@hotmail.com)

2\*\*

[araujorosyellycavalcante@gmail.com](mailto:araujorosyellycavalcante@gmail.com)

comunicacionais. O fenômeno do reparo é importante para a interpretação em relação à correção na fala-em-interação, na medida em que o reparo se refere às práticas que os participantes usam para sanar problemas ou obstáculos na fala ou compreensão da fala. No entanto, ao recorrer à correção da fala do outro, o ouvinte acaba criando um problema de comunicação maior do que aquele ao qual tentava resolver, demonstrando seu julgamento de rejeição no que diz respeito à produção de fala do outro. Enfatiza-se, no presente trabalho, que os estudos sobre reparo na fala-em-interação se deram no campo dos estudos da Análise da Conversa, entre estudiosos que se interessam nas ações cotidianas na vida das pessoas. Dessa forma, a base empírica deste trabalho focalizará os conceitos da Análise da Conversa e dos fenômenos de reparo em um vídeo, em forma de musical, de uma conversa espontânea publicado em uma página da rede social *Tik Tok*. Conclui-se que as mídias digitais podem agir como ferramenta de disseminação da noção de “erro”, por vezes de forma humorística, práticas que fortalecem o preconceito, como o linguístico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Reparo; Análise da conversa; Preconceito linguístico.

### RESUMEN

*El presente trabajo tiene como objetivo analizar los procesos de reparación y su conexión con el prejuicio lingüístico en un video humorístico publicado en la red social Tik Tok. En ese sentido, para describir el fenómeno de la reparación (GARCEZ, 2008, LODER, 2008) es importante resaltar que los participantes en la interacción demuestran articulaciones de análisis comunicacional. El fenómeno de la reparación es importante para la interpretación en relación con la corrección en el habla en interacción, ya que la reparación se refiere a las prácticas que los participantes utilizan para resolver problemas u obstáculos en el habla o la comprensión del habla. Sin embargo, al recurrir a la corrección del discurso del otro, el oyente acaba creando un problema de comunicación mayor que el que intentaba resolver, demostrando su juicio de rechazo respecto al trabajo de producción del habla del otro. Se destaca, en el presente trabajo, que los estudios sobre la reparación en el habla-en-interacción tuvieron lugar en el campo de los estudios de Análisis de la Conversación, entre estudiosos interesados en las acciones cotidianas en la vida de las personas. Así, la base empírica de este trabajo se centrará en los conceptos de Análisis de Conversación y fenómenos de reparación en un vídeo, en forma de musical, de una conversación espontánea publicado en una página de la red social Tik Tok. Se concluye que los medios digitales pueden actuar como herramienta de difusión de la noción de “error”, a veces de manera humorística, prácticas que fortalecen prejuicios, como el lingüístico.*

**PALABRAS CLAVE:** Reparación; Análisis de conversación; Prejuicio lingüístico.

“A linguagem é a ferramenta intelectual mais flexível e poderosa que os seres humanos criaram.”

Alessandro Duranti

## 1 Introdução

Os estudos mais recentes na área da interação verbal definem a linguagem como uma forma de ação conjunta em que duas ou mais pessoas realizam ações individuais coordenadas entre si, integrando um todo. Nesse sentido, conversar é uma atividade social que desempenhamos desde o momento que começamos a falar.

Para Garcez (2008, p.17) a Análise da Conversa Etnometodológica (doravante ACE) é concebida como uma tradição de pesquisa voltada para o estudo social da ação humana situada no espaço e no decorrer do tempo real, podendo ser entendida como um desenvolvimento da proposta de teoria social de Garfinkel, a Etnometodologia, abordagem naturalista das ciências

sociais, a qual focaliza os métodos usados pelas pessoas comuns da sociedade para dar sentido às coisas do mundo. Desse modelo teórico, surge a Análise da Conversação (doravante AC), abordagem discursiva que se originou na década de 1960, ligada aos estudos sociológicos, por meio dos trabalhos de Harold Garfinkel, Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson. No Brasil, a Análise da Conversação ganhou um rumo muito produtivo através dos trabalhos de Luiz Antônio Marcuschi, por volta dos anos 1970 e 1980, os quais propunham revelar as sistematicidades da língua e suas atualizações na interação. Neste trabalho, a título de esclarecimento, seguiremos a análise a partir da proposta teórica da ACE.

A conversação face a face pressupõe que os participantes estejam engajados em uma interação focada em trocas imediatas. O fenômeno do reparo é visto como um sistema estreitamente ligado ao sistema de tomada de turnos - organização das oportunidades de falar - na conversação. Por meio do reparo os participantes podem contornar problemas ou obstáculos na compreensão da fala.

Pretende-se com este trabalho analisar como o reparo pode estar ligado ao preconceito linguístico - expressão de rejeição da língua falada pelo outro - na fala-em-interação em vídeo humorístico da rede social *Tik Tok*, tomamos esse vídeo como objeto de análise por compreendermos que o processo comunicativo, encenação de uma situação conversacional real não compromete a aplicação do modelo teórico elegido para a este estudo, de modo que nos é apresentado um fato corriqueiro típico de ocorrências de fala espontânea emoldurado pelo arcabouço artístico. Em seguida, descreveremos categorias de reparo a partir dos estudos de Schegloff *et al* (1977), demonstrando como o preconceito pode ser aparente em processos de reparo/correção na fala em interação, sistematizando o procedimento de efetuar reparos na fala do outro em uma encenação de conversa cotidiana.

## 2 Fundamentação teórica

Nesta seção, discorreremos sobre os estudos referentes à origem e os objetos de estudo da ACE, especificamente a sistemática de troca de turnos e os processos de reparo. Por fim, discutimos a respeito do preconceito linguístico a partir da Sociolinguística Variacionista e sua relação com o objeto em análise.

## 2.1 Análise da Conversa Etnometodológica

Para Garcez (2008, p. 17) a ACE é uma tradição de pesquisa anglo-norte-americana, que visa o estudo social da ação humana situada no espaço e no decorrer do tempo real, podendo ser entendida como um desenvolvimento da abordagem naturalista das ciências sociais que focaliza os métodos usados pelas pessoas comuns da sociedade para dar sentido às coisas do mundo, denominada Etnometodologia, cujo precursor foi Harold Garfinkel. Desse modo, a ACE tem o intuito de descrever e explicar quais competências os falantes usam e de quais eles dependem no seio de uma interação verbal socialmente organizada.

Segundo Loder (2008):

Fundamentalmente, é na observação de interações situadas, de ocorrência natural, mediadas pelo uso da linguagem que a ACE encontra fonte de evidências para as suas análises e explicações sociais. O que se busca em ACE é observar interações em contextos do mundo real, entre pessoas com relacionamentos reais, cujas falas têm consequências e justificativas reais. (LODER, 2008, P. 127-128)

De acordo com Dik (1989) *apud* Pezatti (2011, p. 168), “a interação verbal é uma forma de atividade cooperativa estruturada, em torno de regras sociais, normas ou convenções”. Dessa forma, é importante conceber a conversação, não apenas como mero uso da linguagem, mas como um exercício prático das potencialidades cognitivas do ser humano em suas relações interpessoais (MARCUSCHI, 1998a). Devemos então, considerar as regras propriamente linguísticas como instrumental relacionado aos objetivos comunicativos da interação verbal.

A ACE não tem interesse central na língua em si, nem na sua descrição, ao invés disso, focaliza sua atenção em como se dá a articulação de métodos de ação na atividade social, observando, registrando e transcrevendo dados empíricos, situados no espaço e no tempo real, em ocorrências vernáculas. Nesse viés, a análise da conversa empreende seu estudo na perspectiva êmica, ou seja, “a perspectiva dos falantes sobre as ações conforme eles a demonstram uns para os outros”. (GARCEZ, 2008, p. 23-24)

A partir da ótica da ACE, entendemos a conversa como sendo uma atividade linguística organizada estruturalmente, ocorrendo em um momento de engajamento entre os participantes e passível de análise.

## 2.2 Turnos de fala

A noção de sequencialidade é um constituinte central na ação social, recebendo uma atenção especial em análises e discussões na ACE. Nesse sentido, a noção de sequência é relacionada a como as ações constituídas pelo uso da linguagem em exercício social se organizam em sequências de elocuições produzidas por diferentes participantes (Cf. Loder, Salimen e Müller, 2008). Dessa forma, a organização dos turnos - segmentos construídos a partir de Unidades de Construção de Turno (UCTs), reconhecidas como unidades básicas de organização dos turnos na fala interacional - se faz de extrema importância no que diz respeito à sequencialidade na fala-em-interação.

Entende-se a sistemática de tomada de turnos como a descrição da ordenação de regras observadas na organização da fala em interação sob o ponto de vista da alocação das oportunidades de falar (Cf. Freitas & Machado, 2008). Sacks, Schegloff e Jefferson publicaram, em 1974, um artigo descrevendo o funcionamento dessas regras. Para tanto, eles buscaram compreender quais fenômenos sistemáticos poderiam ser extraídos de dados que dispunham, no que diz respeito às referências, a aspectos situacionais e etc.

De acordo com Freitas & Machado (2008, p. 62) a sistemática de tomada de turnos é composta por dois componentes: **composição de turnos** (caracterizada por dois traços: a) projetabilidade : previsão de término do turno do outro e b) lugares relevantes para transição : quando o falante identifica um possível término no turno do outro) e **alocação de turnos** que diz respeito às possibilidades de definir quem será o próximo falante.

Para as autoras supracitadas, as regras que organizam a construção e alocação dos turnos são entendidas como fenômenos regulares e recorrentemente observados nas interações face a face, pressupondo assim, que os participantes interajam a partir de trocas imediatas. Dessa forma, o fenômeno do reparo pode ser visto como um sistema estreitamente ligado ao sistema de tomada de turnos na conversação.

### 2.3 Processos de reparo

Em vários momentos em uma fala-em-interação podem surgir situações em que ocorrem problemas - sejam eles de produção de fala ou de compreensão por parte do ouvinte -, sendo necessário que haja uma reformulação ou confirmação do que foi dito para que a completude da

atividade comunicativa, que envolve uma fala-em-interação, aconteça. Para tanto, pode-se recorrer ao reparo, definido por Schegloff, Sacks e Jefferson (1977) *apud* Loder (2008, p. 95-96) como “recorrência sistemática de mecanismos para a resolução de problemas de escuta, produção e entendimento na fala-em-interação social”. A organização do reparo está intimamente ligada ao sistema de tomada de turnos na conversação, visto que, os falantes em interação tendem a orientar suas ações no sentido de construir turnos imbricados em uma sequência.

Conforme Barbosa (2003) há duas grandes categorias de reparo: i) o auto-reparo, quando o locutor inicia uma reformulação de algo que considerou problemático em sua produção e ii) o reparo iniciado pelo outro, quando o interlocutor assume o turno em uma tentativa de reparar a fala do outro. Esta última categoria pode ser considerada “despreferida”, uma vez que a interação pode sofrer uma quebra sequencial no que diz respeito ao turno de fala.

Uma operação de reparo, nos apontamentos de Schegloff (1977), abarca dois tipos de procedimentos, são eles: a ação de iniciar o reparo e a ação de efetuar o reparo, podendo haver, inclusive, um abandono da tentativa de efetivação desse reparo. Sacks e Schegloff (1992) *apud* Pires (2016, p.188) sistematizam quatro tipos de reparo: a) auto-reparo iniciado pelo próprio falante, em que o reparo é iniciado e realizado pelo falante fonte do problema; b) auto-reparo iniciado pelos outros, no qual o reparo é realizado pelo falante que é fonte do problema, mas é iniciado por outro falante/ouvinte; c) reparo realizado pelo outro e iniciado pelo falante fonte de problema; d) reparo iniciado e realizado por outros. Abordaremos neste trabalho, com mais ênfase, o reparo iniciado pelo outro, pois é o foco da nossa investigação.

Conforme Barbosa (2003, p. 20), os procedimentos de reparo não se tratam de correções intencionais a si mesmo ou ao interlocutor, mas de estratégias mais amplas envolvidas no processo de formulação e reformulação da fala. Estes tipos de reparo, se posicionam, em sua maioria, no espaço do “turno seguinte”, ou seja, no turno que segue àquele que é considerado problemático, podendo abranger dois turnos na sequência: o “turno seguinte”, com a iniciação do reparo; e o turno posterior a este, com o reparo propriamente dito.

Dessa forma, o posicionamento no curso da interação verbal para efetuar um reparo implica o reconhecimento dos espaços, na sequência conversacional, disponíveis para acolher uma operação ou outra.

## 2.4 Preconceito linguístico

O preconceito linguístico gira em torno do conceito de prestígio que o usuário faz da língua, julgando uma ou outra forma como de prestígio ou não. Dessa maneira, passa-se a estigmatizar a forma definida por este como “não prestigiada”, atribuindo-lhe um valor inferior em comparação com a outra. Este tipo de atitude linguística pode ser visto tanto na língua escrita, como na língua falada. Podemos afirmar que situações como estas - onde o preconceito linguístico se fortalece - estão enraizadas no mito de que a gramática normativa é a maneira certa de se expressar a língua e o que fugir disso é tido como “erro”. (Cf. Bagno, 2007).

Calvet (2002, p. 57) aponta que existe um conjunto de atitudes e sentimentos dos falantes para com a sua própria língua e suas variedades, como também, para com aqueles que a utilizam, construindo, dessa maneira, estereótipos a respeito do “falar bem”. É notório que as mídias sociais como: televisão, rádio, redes sociais, entre outras, ajudam na disseminação da noção de erro na língua, solidificando o julgamento dos falantes no uso de uma variante em detrimento de outra.

A respeito da atitude linguística, Alkmin (2009) aponta:

A não aceitação da diferença é responsável por numerosos e nefastos preconceitos sociais e, neste aspecto, o preconceito linguístico tem um efeito particularmente negativo. A sociedade reage de maneira particularmente consensual quando se trata de questões linguísticas: ficamos unanimemente chocados diante da palavra inadequada, da concordância verbal não realizada, do estilo impróprio à situação de fala. A intolerância linguística é um dos comportamentos sociais mais facilmente observáveis, seja na mídia, nas relações sociais cotidianas, nos espaços institucionais, etc. A rejeição a certas variedades linguísticas, concretizada na desqualificação de pronúncias, de construções gramaticais e de usos vocabulares, é compartilhada sem maiores conflitos pelos não especialistas em linguagem. (ALKMIN, 2009, p. 42)

A Sociolinguística, modelo teórico que se preocupa com o estudo da língua em relação com a sociedade, cujo precursor foi William Labov, na década de 1960, se interessa pelo comportamento social que essa norma espontânea pode causar. Calvet (2002, p. 60 - 61) aponta dois tipos de consequências advindas da maneira como os falantes encaram a sua própria fala ou reagem à fala dos outros. Em um caso, o falante se identificará com a sua prática linguística ou tentará moldá-la para o que acha “correto”; no outro, as pessoas serão julgadas pelo seu modo de falar.

Conforme Calvet (2002):

Em face da variação, temos atitudes de rejeição ou de aceitação que não têm, necessariamente, influência sobre o modo de expressão dos falantes, mas que certamente têm influência sobre o modo com que percebemos o discurso dos outros. (CALVET, 2002, p. 65).

O imaginário de língua “correta” pode levar, em algumas situações, ao fenômeno denominado hipercorreção. A hipercorreção, de acordo com Mattoso Câmara (2002) *apud* SILVA (2013, p. 3) é a equivocação no desejo de “falar bem”, quando se modifica, na tentativa de acerto, a norma de uso espontâneo da língua, podendo ocasionar em exageros.

Para Bordieu (1967) *apud* Naro (2019, p. 29) as manifestações linguísticas recebem um valor frente à sociedade, a isto, ele denominou ‘mercado linguístico’ e estaria ligado a renda, sexo, faixa etária e nível escolar do falante. Conforme Naro & Scherre (1996) *apud* Naro (2019, p. 29) o efeito da mídia no que diz respeito às variantes linguísticas tem despertado interesse e tem sido objeto de estudo no que tange à maneira como as mídias interferem na noção de prestígio demonstrada pelos falantes e até que ponto os meios de comunicação podem influenciar os seus comportamentos linguísticos.

Pretende-se, a partir da análise a seguir, apontar de que forma os processos de reparo podem agir na disseminação da noção de “erro” a partir de vídeos humorísticos retirados da rede social *Tik Tok*, visto que compreendemos essa interação encenada como uma representação da realidade.

### 3 Metodologia e análise

A fim de observar como o fenômeno do reparo contribui para a disseminação da noção de “erro”, propomos uma análise qualitativa de um vídeo verbo-visual publicado na página de @ico.costa - ator, formado em interpretação teatral pela UFSM e produtor de vídeos humorísticos na internet - da rede social *Tik Tok*.

A análise apresentada adota como procedimento metodológico o estudo de caso de base etnometodológica por registrar um fenômeno específico, o reparo, em um contexto específico. O excerto a seguir, se trata de uma representação encenada de uma conversa, em forma de musical, ou seja, cantada entre duas pessoas, às quais demos os nomes fictícios de Pedro e João. Apesar de não se tratar de uma conversa espontânea real, como é de costume analisar em trabalhos etnometodológicos, o vídeo analisado intenta representar uma conversa cotidiana. Por esse motivo, assumimos o diálogo apresentado a seguir como uma conversa. A fim de garantir o direito de imagem, traremos apenas a transcrição do vídeo citado para análise.

Excerto 1

- 01 Pedro: A gente fomo na praia:  
02 João: Não!  
03 Pedro: Cê nem foi!  
04 João: A gente foi à praia  
05 Pedro: Ué: mas você foi?  
06 João: Não: eu não fui;  
07 Pedro: = então?  
08 João: A gente foi;  
09 Pedro: = mas: você não tava lá  
10 João: Eu só quero ajuda::r  
(1 seg)  
11 Pedro: Eu tô falando errado?  
12 João: uhum.  
13 Pedro: Tem que usar nós né?  
14 João: Pode ser.  
(3 seg)  
15 Pedro: Nós fumo na praia::  
16 João: = a:::::i (( tampando os ouvidos com as mãos))  
17 Pedro: Tava chuvenu  
18 João: = a:::::i

No excerto acima, Pedro inicia falando sobre sua ida à praia, na linha 1. No turno seguinte (linha 02), João sinaliza que o turno anterior é problemático a partir da locução “Não”, dando a oportunidade para Pedro reparar sua fala, configurando, um reparo iniciado pelo outro. No entanto, na linha 03, ocorre o que Schegloff (1992, p. 1304) denomina “componente de rejeição”, já que Pedro não considera sua fala problemática e mostra discordar da fala do amigo “cê nem foi”. Na linha 04 do excerto, João dá uma sugestão de como reparar a fala de Pedro “a gente foi à praia”, baseado na premissa de que o “falar bem” deve estar de acordo com a gramática normativa. Tal norma utiliza-se de “preceitos normativos saídos, em geral, de purismo exacerbado que, infelizmente, se alastrou entre nós desde o século XIX” (FARACO, 2008, p. 94) e tornou-se um dos maiores pressupostos para a disseminação do preconceito linguístico. Com base nesse preceito normativo João compõe um reparo iniciado e efetuado pelo outro por meio de uma correção gramatical.

Apesar de João ter iniciado e efetuado o reparo, Pedro demonstra na linha 05 que ainda não entendeu a intenção de seu ouvinte “mas você não tava lá”. A seguir, na linha 11, Pedro percebe que a intenção de João era reparar uma discordância verbal em sua fala “ Eu tô falando errado?”, o que Schegloff (1992, p. 1304) define como “concordância”, ou seja, o falante concorda que seu turno é problemático, João, de igual modo, concorda com o fato de que existe um problema a ser corrigido, expresso com uma expressão de consentimento “uhum”, linha 12. Na linha seguinte, 13, Pedro sugere o reparo para o turno fonte de problema, “ Tem que usar “nós” né?”, enquanto João , na linha 14, demonstra concordar que a sugestão de reparo do colega é uma opção para a solução do problema, “pode ser”. Entende-se que na pausa mais longa que se segue (3 segundos) Pedro está pensando em como reformular sua fala problemática.

No momento do reparo propriamente dito, efetuado por Pedro na linha 15, pode-se perceber o desconforto de João nos turnos seguintes (linhas 16 e 18) ao perceber que o colega continuava construindo suas sentenças com a mesma estrutura que havia iniciado anteriormente. Durante as últimas locuções de Pedro, João aparece tampando os ouvidos com as mãos, ao passo que grita de dor, “a:::::i”, demonstrando seu profundo desconforto com a produção de fala de Pedro.

É notória, a partir do excerto analisado, o que Calvet (2002, p. 65) define como “segurança linguística” por parte de Pedro, no que diz respeito ao seu modo de falar, ao passo que João demonstrou uma rejeição pela fala do amigo. Redes sociais, como o *Tik Tok*, estão presentes na vida de todos, diariamente, e podem servir de ferramenta para a disseminação do “erro” - como vimos no excerto analisado - em que o reparo foi encenado como um recurso humorístico no intuito de demonstrar como o preconceito linguístico está presente nas situações cotidianas que nos rodeiam.

A esse respeito Bagno (2007) destaca:

[...] o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar que é ‘certo’ e o que é ‘errado’, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos. (BAGNO, 2007, P. 13)

As mídias digitais, na sua maioria, trazem como objetivo a disseminação de informação de modo a quebrar barreiras sociais e destituir várias formas de preconceito, no entanto, com o preconceito linguístico o que vemos é o movimento inverso.

Vale ressaltar que a sentença proferida por Pedro no vídeo analisado não é aceita socialmente, sendo tomada como uma sentença mal formada e muitas vezes julgada como não

pertencente à língua. Desse modo, o indivíduo que geralmente pertence a uma classe social desvalorizada tende a não ser aceito nos círculos sociais por seu modo de usar a língua.

#### 4 Considerações finais

Segundo Loder (2008, p. 112) *apud* Pires (2016, p. 192) “a ocorrência de uma iniciação de reparo sobre dada fonte de problema cria a relevância condicional para que um resultado seja dado a seguir”. Vale ressaltar que as iniciações de reparo pelo outro fazem parte do processo de construção da compreensão interacional, enfatizando problemas que possam ser uma ameaça no decorrer da conversação espontânea.

Há uma linha muito tênue que separa o reparo da correção. O reparo não se trata apenas de tentar corrigir intencionalmente a fala do outro, mas é visto como um procedimento amplo que visa a reformulação ou afirmação de um turno fonte de problema. A partir dos apontamentos de Schegloff (1992) *apud* Barbosa (2003, p. 37-39) consideramos alguns componentes que envolvem o processo de reparo, são eles: o componente de iniciação do reparo, o componente de aceitação ou concordância, o componente de rejeição e o reparo propriamente dito. Para promover o reparo no enunciado fonte de problema pode-se utilizar de alguns procedimentos, como: repetições, paráfrases, correções, especificações, explicações, entre outros. Conclui-se, portanto, que a correção é apenas um dos procedimentos que envolvem o processo de reparo e não sua totalidade.

O preconceito linguístico, tomado aqui como uma prática que envolve o julgamento e consequentemente, rejeição ao discurso do outro, se mostrou intimamente ligado ao processo de reparo por correção, ao passo que as pessoas que julgam o enunciado do outro como problemático, a partir da sua visão individual de “prestígio” da língua, recorrem ao reparo no intuito de “corrigir” o que foi dito. Situações como essa são consideradas, no entanto, como “despreferidas”, pois podem ameaçar a interação verbal, gerando uma situação de constrangimento e/ou causando o término abrupto da conversa em curso.

#### **CRedit**

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: Não é aplicável.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: Não é aplicável.

Contribuições dos autores: Autor.a 1 - Rosyelly de Araújo Cavalcante  
Conceitualização, Curadoria de dados, Investigação, Metodologia, Supervisão, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

Autor.a 2 – Geicilayne Tavares Pelayes

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

## Referências

ALKMIN, T. M; *Sociolinguística*. In: MUSSALIM, F; Bentes, A. C.; *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

BAGNO, M. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BARBOSA, B. T. *Especificidades formais na organização do reparo: um estudo da orientação da fala para a atividade institucional*. 2003. 282 f. Teses (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5093/5093\\_3.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5093/5093_3.PDF). Acesso em 05. jan. 2022

CALVET, L, J;. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução: Marcos Marcionilo. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: Desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FREITAS, A, L.; MACHADO, Z, F. *Noções fundamentais: A organização da tomada de turnos na fala-em-interação*. In: LODER, L; JUNG, M; (Orgs.). *Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica*. Campinas: Mercado das letras, 2008. p. 59-94.

GARCEZ, P, M.; *A perspectiva da análise da conversa etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social*. In: LODER, L; JUNG, M; (Orgs.). *Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica*. Campinas: Mercado das letras, 2008. p. 17-38.

LODER, L, L.; SALIMEN, P, G; MÜLLER, M. *Noções fundamentais: seqüencialidade, adjacência e preferência*. In: LODER, L; JUNG, M; (Orgs.). *Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica*. Campinas: Mercado das letras, 2008. p. 39-58.

LODER, L, L. *Noções fundamentais: a organização do reparo*. In: LODER, L; JUNG, M; (Orgs.). *Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica*. Campinas: Mercado das letras, 2008. p. 95- 126.

\_\_\_\_\_. *O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates*. In: LODER, L; JUNG, M; (Orgs.). *Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica*. Campinas: Mercado das letras, 2008. p. 127-161.

MARCUSCHI, L. A. *Rumos atuais da Linguística Textual*. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO (GEL), 66., São José do Rio Preto, UNESP, jun. 1998a.

PEZATTI, E, G;. *O Funcionalismo em linguística*. In: MUSSALIM, F; BENTES, A, C; (Orgs.). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*, v. 3. 5. ed. p. 165-218. São Paulo: Cortez, 2011.

PIRES, C.C;. *Organização de reparo na conversa cotidiana: um estudo empírico*. Revista Gláuks, Viçosa, v.16, n.1, p.184-198, 2016. Disponível em: <https://1library.org/document/yr84xmoz-organizacao-de-reparo-na-conversa-cotidiana-um-estudo-empirico.html>. Acesso em: 03. jan. 2022.

SCHEGLOFF, E., JEFFERSON, G., & SACKS, H. (1977). *The Preference for Self-Correction in the Organization of Repair in Conversation*. *Language*, 53, 361-382.